

A abordagem de Morin frente à construção do todo

Paloma Maria Santos*

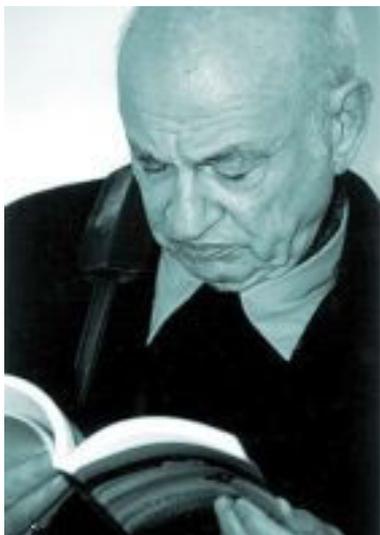
*“Nenhuma mente que se abre para uma nova idéia
voltará a ter o tamanho original”
(Albert Einstein)*

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir e apresentar as interpretações de alguns autores sobre a abordagem de Edgar Morin frente a construção do conhecimento. Partindo das transformações que podem ocorrer dentro de um sistema complexo, Morin discorre sobre três pressupostos relacionados a interação entre partes e todo, que irão conduzir o desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-chave: Morin, Conhecimento, Interação, Partes e Todo.

Abstract: This article aims to reflect and present the interpretations of some authors on the Edgar Morin's approach forward the knowledge's construction. Using the transformations that can occur within a complex system, Morin discusses three assumptions concerning the interaction between parts and whole, which will lead the development of this work.

Keywords: Morin, Knowledge, Interaction, Parts and Whole.



1. Introdução

Estamos na era do conhecimento, em que o valor do saber é inestimável e transcende o valor de qualquer outro bem. Seu processo de construção é complexo e passa fundamentalmente pelas pessoas, por suas experiências, suas especialidades e sua capacidade de relacionamento, abarcando muitas variáveis e contextos.

A área da engenharia e gestão do conhecimento apresenta alguns conceitos e ferramentas para potencializar a construção do saber. Segundo Brún (2005, p.4), o alvo não é necessariamente administrar todo o conhecimento, mas sim o que for mais importante à organização. Segundo a autora, “isso envolve assegurar que as pessoas tenham o conhecimento que precisarem, aonde precisarem e quando precisarem”.

Nesse sentido, a engenharia e gestão do conhecimento “envolve essencialmente a facilitação de processos pelos quais o conhecimento é criado, compartilhado e usado nas organizações” (BRÚN, 2005, p.7).

Na seqüência, apresenta-se explanações de alguns autores acerca da abordagem de Edgar Morin sobre a complexidade e os sistemas complexos, relacionado ao contexto

* Pesquisadora da UFSC nas áreas de Governo Eletrônico e TV digital. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela UFSC (Área de Formação de Recursos Humanos para TV Digital)

organizacional, em que ele fala da importância da relação entre as partes e o todo para efetiva construção do conhecimento.

2. Construindo o todo

Leite (2004, p.49) diz que, para Morin, a complexidade ocorre entre a ordem e a desordem e que essas duas tendências estabelecem noções mediadoras: “a idéia de interação, que une os elementos; a idéia de transformação, que pode organizar ou dispersar os elementos; a idéia de organização, que nasce das interações e transformações”. Ao mesmo tempo em que a ordem e a desordem são complementares, elas são concorrentes e incertas e, de acordo com Morin, esta é a dialógica da complexidade.

As transformações que podem ocorrer dentro de um sistema complexo são também chamadas de emergência, conforme Morin, explicitado por Leite (2004). Essas emergências apresentam três pressupostos, os quais irão guiar o desenvolvimento deste artigo:

- O todo é mais do que a soma das partes;
- O todo é menos do que a soma das partes;
- A formação do todo e as transformações das partes.

2.1 O todo é mais do que a soma das partes

Pensemos na organização como sendo um sistema complexo. Dentro deste contexto, cada pessoa pode ser vista como peça integrante do quebra-cabeça organizacional. Ao se relacionar com os outros, o quebra-cabeça vai se moldando, tomando forma e tendo significado. Vai evoluindo na medida em que conhecimento é organizado, compartilhado e efetivamente aplicado.

Dentro de uma organização, as pessoas advêm de diferentes formações e especialidades. Essa situação faz com que haja diferentes pontos de vista sobre determinado aspecto e sugere que a construção do conhecimento coletivo se dê de maneira complexa.

Nesse ponto, nos confrontamos com o nosso “eu”, tendo de “aceitar” que a nossa verdade não é única e absoluta, e que as verdades dos outros também são válidas. As “verdades absolutas criam barreiras a [sic] compreensão social e a negação do outro nos desvia desse caminho de entendimento mútuo” (SANTOS, 2008, p.3).

A nossa parte, que é o nosso conhecimento, é importante e integrante do todo, mas a ela, se juntarão várias outras partes, relacionadas a vários outros contextos, com o objetivo de formar um conhecimento conjunto, cooperativo e interdisciplinar. Quanto mais amplo e diferenciado o contato com os indivíduos de outras especialidades, maior o ambiente para as possíveis apreensões de dados e contribuições para a formação do conhecimento.

Bertalanffy (1977), afirma que é necessário estudar não somente as partes e os processos isoladamente, mas também os decisivos problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica, resultante da interação dinâmica das partes. O todo, neste caso, é maior que a soma das partes porque inclui a relação entre elas.

Morin (1996a, p.275 apud Cava 2006) salienta:

Aprendemos muito bem a separar. (...) Nosso pensamento é disjuntivo e, além disso, redutor: buscamos a explicação de um todo através da constituição de suas partes. Queremos eliminar o problema da complexidade. Este é um obstáculo profundo, pois obedece à fixação a uma forma de pensamento que se impõe em nossa mente desde a infância, que se desenvolve na escola, na universidade, e se incrusta na especialização; e o mundo dos experts e dos especialistas maneja cada vez mais nossas sociedades. É esse, segundo ele, o núcleo do seu empreendimento reflexivo. (...) Morin nos instiga (...) a enfrentarmos a complexidade de nosso mundo, a olharmos para nós mesmos, com nossas fragilidades e medos, com um olhar profundo, olhando-nos e pensando-nos de maneira complexa, múltipla e singular (p. 8).

Cava (2006), diz que Edgar Morin nos propõe as trocas interindividuais e a consciência reflexiva como meios de contornar as limitações do nosso conhecimento, permitindo além da comunicação e da conservação do saber, o confronto e a discussão dos pontos de vista diversos, fazendo com que tenhamos de enfrentar o paradoxo essencial: “o operador do conhecimento deve tornar-se ao mesmo tempo objeto do conhecimento”.

2.2 O todo é menos do que a soma das partes

Ao mesmo tempo em que a busca pelo saber constrói, ela também destrói. Destrói o ser humano, destrói a relação e desintegra as partes.

Os seres humanos muitas vezes assumem suas feições de “bichos” e tomam como norte a lei da sobrevivência dos mais fortes, os quais, na era do conhecimento, são os que sabem mais, pois, acreditam possuir um tipo de poder perante o outro. Eles não se relacionam, não compartilham e não crescem. Vivem bitolados no seu mundo de significados e não permitem que ninguém faça parte dele. Preferem ficar com uma visão “capenga” da realidade a trocar experiências e construir novos conhecimentos.

A palavra de ordem para esses “seres” é a competição. Competição pelo ser, pelo saber, pelo ter. Se eles sabem mais, eles podem mais. Vivem como se não existisse o amanhã, como se fossem auto-suficientes, como se fossem insuperáveis, inatingíveis e acabam por prejudicar não apenas a si próprios, mas o todo com o qual sua parte está relacionada.

Agindo dessa maneira, esses “seres” bloqueiam qualquer possibilidade de convivência criativa, pois diante da interação com o outro se fecham e reagem de forma a impor a sua posição a respeito de tudo. Preferem fomentar o rancor e perder a oportunidade de trocar experiências cotidianas e aprender com o outro.

O ser humano parece ter medo de compartilhar o seu saber, os seus conhecimentos com os outros seres humanos. Ele acredita que ao compartilhar suas idéias e opiniões, estará abrindo a possibilidade de tornar o outro tão “bom” quanto ele acredita que ele é. O ser humano não quer ter que se relacionar com alguém superior. Ele prefere se fechar num mundo que só existe em sua própria cabeça e continuar sendo o “rei”, o dono da verdade, sem nunca perder a majestade (SANTOS, 2008, p. 5).

Um ambiente pobre em significados reduz as oportunidades de interação com a realidade, faltando matéria-prima fundamental para o surgimento de possibilidades de reconstrução das representações mentais de cada indivíduo. “Pode-se afirmar que, quando falta o significado, a patologia da alienação mental se instala. Deixa de existir então, a mediação entre o sujeito que aprende e o conhecimento” (VYGOTSKY, 1987 apud FREITAS, 2005).

2.3 A formação do todo e as transformações das partes

Leite (2004, p.60) enfatiza que “um sistema é um todo que toma forma ao mesmo tempo em que seus elementos se transformam. A idéia de emergência é inseparável da idéia de criação de uma forma nova que constitui um todo”.

Considerando essa afirmação, podemos dizer que ao ajudar na formação do todo, através da interação com os outros, cada uma das partes também se transforma. Adquire mais informações sobre contextos até então desconsiderados e as acrescenta a sua visão sobre determinado assunto.

Se forma o todo, e conseqüentemente, se transformam as partes.

3. Considerações finais

Conforme abordado no início deste artigo, a área da engenharia e gestão do conhecimento trata das práticas para se criar, organizar e disseminar o saber, tendo em vista os diferentes “protagonistas” desse processo.

Dada a existência de vários contextos, pertencentes a cada uma das partes, é inevitável e imprescindível que a construção do conhecimento aconteça de maneira interdisciplinar. A complexidade, abordada por Morin, reside no confronto de destes diferentes contextos. É partir daí, que tanto os indivíduos quanto a organização se transformam.

Fica claro que a construção do conhecimento só se dá quando as partes interagem em busca de um objetivo comum, que é a construção do todo, sem negar o outro e sem considerar que a sua verdade é única e absoluta.

Referências

- BERTALANFFY, L. V. Teoria geral dos sistemas. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BRÚN, C. ABC of Knowledge Management. NHS National Library for Health, 2005.
- CAVA, P. P. Pensando em direção a uma “pedagogia da complexidade”. UniRevista, v.1, nº2, 2006.
- FREITAS, N. K. Representações mentais, imagens visuais e conhecimento. Ciências & Cognição; Ano 02, v.6, nov/2005.
- LEITE, M. S. A. Proposta de uma modelagem de referência para representar sistemas complexos. 2004. 420f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- SANTOS, P. M. A educação e a interação como retardo a extinção. Revista da Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento, v.7, p. 16-23, 2008.